METÁFORAS DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *PODCASTS*

METAPHORS FOR REPRESENTING WOMEN IN PODCASTS

Maria Eduarda Albuquerque (UFFS)[1]
Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS)[2]

Resumo: Este estudo investiga metáforas de representação da mulher produzidas em episódios de *podcasts* a partir de visões externalizadas em discursos masculinos. A investigação, relacionada a discursos midiáticos e representações de gênero na sociedade atual, apresenta como base teórica principal a Teoria da Metáfora Conceitual. Nosso objetivo é o de comparar como as metáforas relacionadas à mulher são utilizadas em cada episódio selecionado e como estruturam conceitos em torno da visão de mundo sobre as mulheres. A hipótese do trabalho era a de que as metáforas utilizadas por homens ao falar sobre mulheres em *podcasts* refletem a/na visão que a cultura patriarcalizada possui em relação às mulheres e isso influenciaria as representações femininas na sociedade contemporânea. Os resultados apontam para o fato de que são mobilizadas as metáforas MULHER É GOLPISTA, MULHER É CUIDADORA, MULHER É FRÁGIL, MULHER É LOUCA e MULHER É CONTROLADORA, reforçando esteriótipos em torno da figura feminina, os quais estão bastante marcados nos discursos masculinos veiculados pelos meios midiáticos digitais no Brasil, em especial no conteúdo de *podcast*.
Palavras-chave: Metáfora conceitual. Metáforas sobre mulher. Representações de gênero.

Abstract: This study investigates metaphors of representation of women produced in podcast episodes based on views present in male discourses. The research, related to media discourses and gender representations in today's society, presents the Conceptual Metaphor Theory as its main theoretical basis. The objective is to compare how metaphors related to women are used in each selected episode and how they structure concepts around the worldview of women. The work hypothesized that the metaphors used by men when talking about women in podcasts reflect the view that patriarchal culture has concerning women and this would influence female representations in contemporary society. The results indicate that the following metaphors are mobilized: MULHER É GOLPISTA, MULHER É CUIDADORA, MULHER É FRÁGIL, MULHER É LOUCA and MULHER É CONTROLADORA. These conceptual metaphors reinforce stereotypes surrounding the female figure, which are quite marked in male discourses conveyed by digital media in Brazil, especially in podcast content.
Keywords: Conceptual metaphor. Metaphors about women. Gender representations.

[1] Graduanda em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, na Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.
[2] Doutora em Linguística, Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.

INTRODUÇÃO

A metáfora é um dos mecanismos centrais na estruturação da linguagem, influenciando nos pensamentos e ações dos seres humanos ao estar presente no dia a dia da sociedade. A definição de metáfora conceitual, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), aponta que metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas são fundamentais para o nosso pensamento e ações cotidianas. Elas estão integradas à nossa forma de conceitualizar o mundo e às nossas experiências, mostrando que a base de nosso entendimento do mundo é, em grande parte, metafórica.

Por estar presente na vida cotidiana, a metáfora possibilita pesquisas voltadas à análise linguística de seu uso pela sociedade e de como isso reflete na própria sociedade. Assumindo que o Brasil é um país com raízes misóginas, formado por uma sociedade machista e patriarcal (Wanzeler, 2021), nossa investigação perpassa os discursos do gênero masculino ao utilizarem metáforas para se referir às mulheres. Em análise, será possível identificar se as metáforas presentes no recorte de falas investigado de fato retratam o cenário patriarcal e como isso influenciaria na construção da identidade social das mulheres e sobre esse grupo na sociedade contemporânea brasileira.

A cultura digital tem se consolidado cada vez mais presente no cotidiano da sociedade contemporânea. O consumo de conteúdos digitais através de mídias sociais e plataformas de *streaming* tornou-se crescente nos últimos anos. O *podcast*, por exemplo, possui grande popularidade entre ouvintes de diferentes idades, pois, além de ser propagado em distintas plataformas, ele possui uma ampla gama de conteúdo, atraindo todos os públicos de ouvintes. Por ser acessível e popular, a partir do *podcast* torna-se possível realizar análises linguísticas, por se tratar de usos linguísticos reais, produzidos em contextos específicos, em que são discutidos diferentes assuntos.

Considerando esse contexto digital de uso da linguagem, este estudo tem como objetivo central analisar as metáforas de representação da mulher utilizadas em *podcasts* brasileiros instanciadas em discursos masculinos, a fim de compreender como esses discursos refletem ou mesmo reforçam estereótipos de gênero na sociedade atual. Este estudo propõe-se a contribuir para a reflexão crítica sobre as representações de gênero na mídia e suas consequências para a

construção da identidade feminina, destacando a relevância de um olhar atento às metáforas que permeiam as narrativas contemporâneas.

Para o percurso metodológico de seleção do corpus analisado, foram identificados os programas de *podcast* que estavam na lista dos 20 mais ouvidos no Brasil (fonte Cast News) e que tivessem como apresentador alguém identificado como do gênero masculino. Os programas foram selecionados a partir da lista fornecida pelo *site* Cast News e de acordo com a temática, que devia abortar questões concernentes às mulheres. De acordo com esses critérios, foram definidos: Nerd Cast (1º), JesusCopy (5º), BrainCast (15º), Arquivo Mistério (16º) e Mau falado (20º).

Os episódios analisados, por sua vez, foram definidos pelos critérios: ser um episódio publicado próximo à data de 8 de março de 2024, podendo ser datado de até 3 dias antes ou até 3 dias depois; ter maioria masculina dos participantes do episódio; abordar temas relacionados às mulheres. Tendo isso em vista, foram selecionados os seguintes episódios: “É a Duna realidade” (Nerd Cast, publicado no dia 8, via plataforma do Jovem Nerd), “Carlinhos Senegal e Douglas Gonçalves no Podcast JesusCopy” (JesusCopy, publicado dia 11, via plataforma do YouTube), “BBB: Likes valem mais do que dinheiro?” (BrainCast, publicado no dia 8, via plataforma do YouTube), “O insano estupro e morte dos irmãos Gibson” (Arquivo Mistério, publicado no dia 11, via plataforma do YouTube) e “Wanessa Camargo expulsa do BBB e a futura ex-esposa de Buda” (Mau Falado, publicado no dia 7, via plataforma do Jovem Nerd).

METÁFORAS CONCEITUAIS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

Na tradição de estudos sobre metáfora, diferentes abordagens já tiveram destaque. Lopes (2005) relembra, por exemplo, visões teóricas que assumiram ser a metáfora um desvio do uso linguístico. Em claro contraste a essa posição, no entanto, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é considerada um desvio da linguagem. A partir de seus estudos, os autores identificaram a existência de duas formas de metáfora, a metáfora conceitual e a metáfora linguística. Considerando que parte da linguagem humana é metafórica, não há como realizar uma diferenciação entre conteúdo literal e conteúdo metafórico, pois a metáfora está integrada na língua: a partir das metáforas, as emoções humanas e conceitos abstratos são representados. O sistema conceitual

humano é estruturado, conforme os autores, a partir da necessidade de experienciar uma coisa em termos de outra, a fim de facilitar a construção de sentido na comunicação.

A metáfora está contida na vida cotidiana de todas as pessoas, permeando a linguagem e surgindo involuntariamente nos discursos dos indivíduos. Além da linguagem, a metáfora se encontra presente também nos pensamentos e ações, tendo em vista que o sistema conceptual ordinário dos seres humanos é metafórico. A metáfora atua não apenas como figura da linguagem, mas molda a capacidade de interpretar a vida, é a partir dela que tomamos decisões do dia a dia e decisões complexas, ultrapassando a linguagem; a metáfora age de forma norteadora das ações dos seres humanos (Lakoff; Johnson, 1980).

Segundo Lakoff e Johnson (1980, p. 3, tradução livre), "[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza."[3]

Seguindo a concepção dos autores, compreende-se a funcionalidade da metáfora na vida cotidiana das pessoas. A metáfora vai além da percepção do que as pessoas compreendem, de ser apenas uma figura da linguagem, a metáfora está enraizada no modo de viver de cada um. Dessa maneira, a metáfora se torna um fundamental instrumento cognitivo que atua nas ações das pessoas, sendo perceptível na linguagem, ações e formas de pensar.

Nessa perspectiva, a metáfora vai além de um simples processo de projeção, ela atua como mudança de perspectiva. Essa mudança de perspectiva, além de abrir novas possibilidades de interpretação, auxilia no enriquecimento da expansão de novos conceitos. Por exemplo, quando é utilizado o termo "leão" para fazer referência a um ser humano, aplicam-se ao ser humano as características fortes do animal leão, para demonstrar a força (ou a bravura) no contexto humano (Silva, 2003, p. 22).

Para Lakoff (1993), a metáfora envolve entender um domínio da experiência em termos de um outro domínio. Como por exemplo *o amor* em *domínios* relacionados com o de uma *jornada*.

[3] Tradução livre. No original: "I don' t *have* the time to *give you*. How do you *spend* your time these days? That flat tire *cost* me an hour. I've *invested* a lot of time in her. I don' t *have enough* time to spare for that. You' re *running out of* time." (Lakoff; Johnson, 1980, p. 8).

Mais tecnicamente, a metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio-fonte (neste caso, jornadas) para um domínio-alvo (neste caso, amor). O mapeamento é rigidamente estruturado. Existem correspondências ontológicas, segundo as quais entidades no domínio do *amor* (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, o relacionamento amoroso etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma *jornada* (os viajantes, o veículo, destinos etc).

As metáforas conceituais são fundamentadas em esquemas de imagem criados a partir das interações que cada indivíduo possui com o ambiente em que tem contato. Os esquemas, juntamente com domínios, *frames* e as metáforas em si, compõem os Modelos Cognitivos Idealizados, responsáveis por estruturar os conhecimentos, sendo moldados pelas necessidades, valores e experiência ao longo da vida de cada ser humano (Kövecses, 2017). Por serem flexíveis, são suscetíveis a mudanças ao longo da vida de cada um, conforme novas vivências são inseridas ao longo de sua existência. Esses modelos se inter-relacionam e formam o entendimento do mundo de cada indivíduo, isso dependendo de qual sistema cultural ele está inserido (Lakoff, 1987).

Não é diferente em relação às metáforas relacionadas à representação da mulher na sociedade, as quais influenciam na construção social de uma identidade feminina ou refletem essa construção social, tornando-a mais evidente. Estudos como o de Lopes (2005) apresentam análises de metáforas em relação à mulher contidas em duas diferentes tipologias de revistas do ano de 2004. Sua coleta resultou em uma análise que mostrou que as metáforas foram utilizadas para designar a mulher como: animais, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais. Em relação à representação de mulheres (domínio-alvo) como animais (domínio-fonte), percebe-se diferentes tipos de transferências metafóricas, sejam elas em relação à inteligência: “Anta nordestina”, temperamento/caráter: “Ela é uma cobra”, comportamento sexual: “Ela é uma piranha”, características físicas: “Ela é uma girafa”.

O termo “Anta nordestina”, além da xenofobia explícita no termo, faz referência a um animal para julgar a inteligência de uma mulher. No caso desse exemplo, a inteligência da mulher está sendo julgada e considera-se que ela possui pouca capacidade cognitiva, dessa maneira, o termo “anta” é uma expressão semântica que mostra a valoração negativa em relação às capacidades

da mulher. Já em "Ela é uma cobra", transmite-se a ideia de personalidade de uma mulher relacionada a alguém de conduta ardilosa. O termo "cobra" remete ao animal que rasteja, que é venenoso, quando se tem que a MULHER É COBRA, tem-se que essa mulher é falsa e não confiável. A expressão "Ela é piranha" faz referência à mulher como um objeto sexual e ao sentido de mulher como devoradora de homens. Já em "Ela é girafa", a expressão diz respeito à forma física da mulher, por ser um animal alto, mulher que é comparada com girafa traz a noção de que ela é alta demais para os padrões masculinos, os quais definem o aceitável e o desejável (Lopes, 2005).

Em relação à mulher como artefato e suas propriedades, pode-se utilizar como exemplo a expressão "Ela é um avião", pois o "avião" diz respeito à mulher ser bonita e atraente. No entanto, na frase "Que canhão", a expressão "canhão" quer dizer que a mulher referida é uma pessoa feia. Ambas expressões colocam a mulher em um lugar de um artefato, aberta à comparação com os materiais a partir de um juízo sobre sua beleza. Assim como artefato, as mulheres são comparadas também a elementos da natureza, como em "Ela é um bloco de gelo", expressão que coloca a mulher como uma pessoa fria, sem sentimentos, um elemento da natureza gelado com o qual o excesso de contato machuca. Por fim, as mulheres também foram comparadas com elementos ficcionais, como em "Ela é uma bruxa": nesse caso, a beleza da mulher está sendo julgada e se ela é bruxa, é feia, uma vez que os traços destinados a comparar uma mulher a uma bruxa são os relacionados à feiura de alguém, conforme os padrões de beleza assumidos (Lopes, 2005).

Nosso estudo, focado em programas de podcast, chegou a outra gama de metáforas para representação social da mulher, da qual extraímos as cinco metáforas conceituais MULHER É GOLPISTA, MULHER É CONTROLADORA, MULHER É CUIDADORA, MULHER É FRÁGIL, MULHER É LOUCA, que passaremos a detalhar nas subseções a seguir.

MULHER É GOLPISTA

Durante o episódio do programa NerdCast, ao discutir sobre um filme, um dos participantes reproduz a metáfora MULHER É GOLPISTA. A metáfora aparece no seguinte trecho:

> Entrevistada: Na hora que Lady Fenring encontra o Feyd-Rautha, e aí ela faz aquele negócio: "ah a linhagem tá segura"; que é, ela segura a barriga, né, porque ela guardou um

> plano B ali ...
> Entrevistado 1: *Meteu o boneco né, meteu o boneco* (NerdCast, 2024, 59:00 min, grifos acrescidos).

Ao pronunciar esse discurso metafórico, o participante assume que a mulher utiliza da gravidez como uma armadilha para assegurar *status* social, nesse sentido, a partir do seu corpo, ela aplica um golpe em benefício próprio. Essa instanciação se comunica com a frase sexista popular "deu o golpe da barriga", utilizada pela sociedade ao definir uma mulher como golpista por engravidar, gestar, e que, ao conceber, possui interesse financeiro ou econômico sobre o que o homem possa oferecer.

Segundo Beauvoir (2016, p. 279), "[...] a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade". Nesse contexto, a metáfora MULHER É GOLPISTA reforça a ideia de que a mulher utiliza sua capacidade reprodutiva como ferramenta de manipulação para receber algo em troca, desqualificando assim a autonomia de reprodução que a ela é assegurada. Dessa maneira, o enunciador discorre que a mulher utiliza da sua função biológica para tirar proveito financeiro dessa condição, deslegitimando seus desejos e vontades.

MULHER É CONTROLADORA

A metáfora MULHER É CONTROLADORA, apareceu quatro vezes ao decorrer das análises metafóricas, sendo a mais utilizada. A primeira aparição encontra-se no seguinte trecho:

> Entrevistado 2: O efeito da voz é maneiro, mas eu achei muito mais legal quando aquela ...
> Entrevistada: Lady Fenring.
> Entrevistado 2: Isso, eu entendo que cada um usa a voz do jeito que sabe, que aprendeu né? [...] Achei maneirissímo dessa mulher, que ela vai falar lá com o cabeça de nós todos [...] mas aí o jeito que *ela usa voz*, eu achei muito legal. *Ela começa falar com ele normal, falando baixinho, meio sussurrante, meio sedutor*, daqui a pouco, onde que eu tô? (NerdCast, 2024, 53:10 min, grifos acrescidos

A metáfora é encontrada a partir do ponto onde o interlocutor remete-se à mulher assumindo que a forma como ela utiliza a voz indica a intenção de controlar uma determinada situação. O tom de voz feminino é utilizado para manipular o gênero masculino, exercendo domínio e influência na pessoa controlada, como se fosse um ato de hipnose sobre o homem. Assim, o discurso do entrevistado reforça que, na sociedade contemporânea, a voz da mulher pode exercer controle ao

homem.

Já no episódio do programa JesusCopy, o convidado, ao se referir à mulher que é sua companheira, utiliza a seguinte instanciação metafórica: “Meus filhos tinham oito, creio eu, minha mulher não tá aqui para me *corrigir*, então vou dar *liberdade* de errar” (JesusCopy, 2024, 05:14 min, grifos acrescidos). Nessa frase, é possível observar a metáfora MULHER É CONTROLADORA, pois compreende-se que a mulher tem o papel de correção sobre o homem, de controle dos fatos e das informações, associando-se ao seu poder o de cerceadora da liberdade de expressão. Dessa forma, ao homem só é permitido errar quando sua esposa não está presente, só assim não ocorre uma correção em sua fala. De mesmo modo, só assim pode exercer a *liberdade* sobre a qual a mulher teria controle se estivesse presente.

Ao assumir que não tem certeza da idade de seus filhos, e que a mulher teria esse conhecimento, o interlocutor coloca a mulher em posição de ser a única responsável pelo lar e pela família. Além de supervisionar o homem, ela também é a única que detém informações parentais. Essa metáfora interage com MULHER É CUIDADORA, que será descrita na próxima seção, pois, a partir dessa representação da mulher, compreende-se que ela é a responsável por todos os cuidados da família. MULHER É CONTROLADORA reforça os estereótipos do papel que a mulher deve exercer dentro da instituição família, sendo ela a referência de cuidado. Essa sobrecarga presente na mulher abrange desde controle de informações até o cuidado do bem-estar dos membros familiares.

Nesse mesmo contexto de mulher como controladora, o participante, no decorrer do episódio, apresenta a seguinte fala:

> Ela chegou para mim e disse: Carlinhos eu quero ir de novo pra Senegal[...] ela disse: eu quero levar os meninos [...] Senegal é um país lindo, muito lindo, mas muito diferente de Recife, então na cabeça da minha mulher ela pensou o que: eles vão rejeitar, eu volto pra casa; eu to contanto essa história com *autorização dela*. (JesusCopy, 2024, 19:37 min, grifos acrescidos).

Ao pronunciar essa afirmação, o participante novamente coloca sua esposa em posição de que MULHER É CONTROLADORA, de forma que ele só pode falar de um determinado assunto sob autorização dela. É a mulher que aprova ou não os assuntos que seu marido pode discutir no

decorrer do episódio. Sendo assim, a mulher exerce controle de alguém, nesse caso, do seu esposo. Essa metáfora possui singularidade com a apresentada anteriormente, na qual a mulher aparece como cerceadora de liberdade de expressão, decidindo e aprovando o que deve ser dito pelo homem, ela o controla. Esse lugar de controle se estende às interações cotidianas dentro da família, onde ela é a detentora da autoridade ao aprovar ou vetar determinadas falas, assumindo um papel de supervisionadora dos discursos masculinos.

MULHER É CONTROLADORA aparece também em outra fala com o seguinte pronunciamento: A Leandra vai ficar feliz comigo quando ouvir esse programa porque eu *to adestradinho; [...] to domadinho;* (Mau Acompanhado, 2024, 01:23:48 min, grifos acrescidos). Após assumir que a mulher o "adestrou" e o "domou", o locutor coloca a mulher em posição de controladora masculina, posicionando a mulher em um lugar de autoridade sobre o homem. Dessa forma, a figura feminina exerce influência sobre o comportamento masculino, sugerindo uma dinâmica de submissão, na qual suas ações são definidas, controladas e supervisionadas pela mulher. Esses discursos alimentam as narrativas sociais de que a mulher deve mudar e moldar os comportamentos masculinos, sendo sua obrigação controlar os comportamentos do seu cônjuge. Esse discurso metafórico coloca a mulher em uma posição semelhante à de uma educadora, como se o marido fosse uma espécie de filho da mulher, cuja função é moldar, orientar e supervisionar seu marido, sempre seguindo a essência do cuidado.

MULHER É CUIDADORA

O serviço que a sociedade impõe à mulher casada é o de cuidar do marido, do lar e dos filhos, enquanto o homem se encarrega de serviços braçais e financeiros. Essa relação de servidão se perpetua década após década na sociedade, a relação de cuidado é determinada à mulher, enquanto ao homem, serviços que demandam força (Beauvoir, 2016). Em confirmação à afirmação de Beauvoir, encontra-se a afirmativa do participante em relação à mulher como cuidadora da casa, no episódio em que se pronunciou o seguinte discurso:

> Eu viajava e passava semana lá, minha mulher ficava na capital da [ininteligível] *pra cuidar das crianças* e ela fazia essa parte de office né, tradução e tal, ela é poliglota, escreve muito

> bem, e aí ela fazia essa parte de comunicação da nossa missão e eu fazia a parte do campo. Ela fez uma pós em antropologia, então *ela era a cabeça do negócio* e eu era o cara do campo (JesusCopy, 2024, 31:47 min, grifos acrescidos).

Nesse trecho, o participante reforça os estereótipos que são encontrados na nossa sociedade desde os tempos passados, pelos quais a mulher é vista no lugar de cuidado e o homem em serviços de campo, assim como pontua Beauvoir.

Dessa forma, em seu discurso, ele assume a metáfora: MULHER É CUIDADORA, pois é ela que detém os cuidados principais dos filhos do casal e da casa. Além de descrever a mulher como cuidadora em tempo integral, ela também possui atividades profissionais e intelectuais, sendo a "cabeça do negócio", poliglota, trabalha no *office*, cuida da comunicação, escreve etc. Enquanto o homem é apenas o *cara do campo*, a mulher possui um acúmulo de jornadas, fazendo referência ao mito da mulher-polvo, aquela que possui a habilidade natural de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, como se possuísse muitos braços para dar conta de tudo (assim como o polvo possui). Esse tipo de perspectiva e de representação das mulheres, além de reforçar estereótipos, naturaliza o acúmulo de jornadas e a sobrecarga de trabalho que recai sobre elas.

No decorrer do episódio, novamente o participante utiliza de metáforas para se referir à mulher, em outro caso, ele comenta o seguinte fato:

> Então eu aprendi uma coisa, se você liga pra mim; quando Nati falou: você vem aqui, você pode vir no JesusCopy. Eu disse: vou falar aqui rapidinho com a minha mulher. Aí eu falo com a minha mulher, porque eu sei que *quando entra na cabeça dela, ela vai diminuir a velocidade, vai processar [...], ela vai trazer isso pra mim com muito mais clareza.* (JesusCopy, 2024, 34:18 min, grifos acrescidos).

Nesse recorte, é possível observar a metáfora MULHER É CUIDADORA. A mulher assume o papel de cuidar e orientar o homem em seus deveres do dia a dia, ela auxilia ele com sua rotina e afazeres, desacelera informações cruciais e leva o conteúdo até ele de uma forma mais compreensível, trabalho de servir que uma cuidadora possui. Ao reconhecer a capacidade feminina de "diminuir a velocidade" e "levar com mais clareza", o homem a torna não apenas facilitadora, mas também a coloca em um espaço de apoio emocional, reforçando a imagem tradicional da mulher como possuindo obrigações naturais de cuidar do marido.

Beauvoir (2016), ao discorrer sobre as perspectivas históricas da mulher casada, descreve as funções femininas da seguinte maneira:

> Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrado a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção da ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, esse trabalho a coloca na decência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação essencial (p. 235).

Segundo a autora, a posição da mulher na estrutura familiar é a de cuidado aos filhos, marido e casa. Esse trabalho não é voluntário, mas sim internalizado como função feminina constituído no decorrer da história. Na vida do marido, ela é considerada uma mediação essencial, ou seja, ela executa funções de cuidado do seu cônjuge, isso é um de seus deveres como mulher e como esposa. Essa definição da autora dialoga com a metáfora de MULHER É CUIDADORA: ao gênero feminino foi instituído que é seu dever cuidar do homem e de suas necessidades, por não ser autônomo, essa função é tida como parte de um instinto, o natural do ser mulher.

MULHER É FRÁGIL

O episódio selecionado do programa BrainCast dialoga sobre uma *influencer* que participou do *reality show* brasileiro Big Brother Brasil 2024 (BBB). No BBB, a participante desistiu do programa por sofrer de graves problemas de saúde mental. Ao discorrer sobre essa participação, o entrevistador faz o seguinte comentário: "[...] porque tinha aquela mina lá que a gente até já comentou que saiu fora né, que tava com *probleminha*. (BrainCast, 2024, 07:50 min, grifos acrescidos)". Nesse exemplo, o apresentador representa a mulher com a metáfora MULHER É FRÁGIL, o termo em diminutivo "probleminha" mostra o desprezo e indiferença em relação à saúde mental da mulher, caracterizando um problema, que não afeta apenas mulheres, como algo pequeno, que apenas uma pessoa frágil teria ou que levaria à desistência do BBB apenas em caso de pessoas delicadas, sensíveis, fracas.

A autora Federici (2017) discorre, em sua obra *Calibã e a bruxa*, sobre a relação entre capitalismo, patriarcado e opressão das mulheres no decorrer da história. Em uma de suas

discussões, ela pontua a representação da mulher na sociedade segundo uma visão sexista, da seguinte maneira:

> [...] foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens — excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar — e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. [...] As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras (p. 201 - 202)

Por serem emotivas e irracionais, segundo a visão masculina, as mulheres enfrentam frequentemente suas ações sendo deslegitimadas, especialmente em contextos que exigem força emocional. Por serem consideradas "excessivamente emocionais", as mulheres são julgadas ao enfrentar desafios reais, principalmente em relação a situações de vulnerabilidade emocional. No caso descrito acima, o problema de saúde mental da mulher foi colocado em posição de fragilidade feminina, reforçando a ideia de que MULHER É FRÁGIL, refletindo a estrutura patriarcal da sociedade a qual retrata a mulher como um ser irracional e emocionalmente instável, assim como Federici descreve.

MULHER É LOUCA

A caça às bruxas no século passado marcou a história feminina, os ideais que fugiam do padrão social, principalmente ligados à submissão, eram vistos como algo perigoso à ordem natural do homem como superior. A perseguição contra as mulheres criou um modelo ideal do feminino na "mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas" (Federici, 2017). Na época da caça às bruxas, as mulheres que não entravam no padrão social eram tidas como perigosas e, consequentemente, sofriam diversos tipos de atrocidades. No decorrer da história, a mulher ainda é definida como passiva e obediente, foi criado um padrão feminino que se perpetuou na sociedade, tudo que foge desse padrão é criticado e apontado socialmente. Nesse viés, no decorrer de um episódio de *podcast*, encontrou-se a seguinte instanciação metafórica:

> Entrevistador 1: Essa edição em especial, a gente não consegue encaixar nesses [ininteligível].
> Entrevistador 2: E todo mundo tem defeito.

> Entrevistador 3: Não tem essa menina *louca* que [gestos] (BrainCast, 2024, 07:50 min, grifos acrescidos).

É possível localizar nesse trecho a metáfora MULHER É LOUCA, pois é assumida a personalidade feminina única como um defeito, esse defeito é intitulado de loucura. A mulher é considerada histérica, instável e exagerada, isso a coloca em posição de julgamento, tida como louca. Esse termo foi selecionado pelo entrevistador para deslegitimar a autenticidade das experiências e decisões da mulher, sua personalidade própria, por fugir do padrão idealizado, foi desqualificada por essa caracterização.

Nesse mesmo contexto, encontrou-se novamente a metáfora MULHER É LOUCA, presente no seguinte fragmento: "Entrevistador: E assim, vale lembrar quanto tempo a gente tá falando aqui da perseguição da Wanessa e da Yasmin ao Davi, né, acho que, a Wanessa dizendo que não ia mais comer a comida que ele faz, *todo aquele drama que a Wanessa fez*" (BrainCast, 2024, 21:24 min, grifos acrescidos). Dessa maneira, a mulher é representada como histérica, dramática e exagerada, tornando-a instável emocionalmente. Dialogando com os mesmos preceitos do trecho citado anteriormente, a mulher que fugiu do padrão que foi esperado dela, e por agir por sua própria vontade, foi rotulada como instável e louca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nessa pesquisa permitiram compreender as diversas possibilidades interpretativas em relação às escolhas metafóricas pelos participantes ao se referirem às mulheres. A partir das análises apresentadas, foi possível identificar e mensurar de que forma a mulher é representada nos discursos investigados, a partir das metáforas analisadas. São utilizados recortes para sustentar uma visão sexista que reverbera no imaginário masculino sobre a mulher, o qual já perdura há séculos, sobre a forma com que se deve constituir o ser mulher. Essas escolhas de representação reforçam as expectativas tradicionais que limitam a identidade feminina, impactando nas percepções sociais de gênero na nossa cultura.

Por fim, sustentamos que as metáforas MULHER É GOLPISTA, MULHER É CONTROLADORA, MULHER É CUIDADORA, MULHER É FRÁGIL e MULHER É LOUCA,

do *corpus* selecionado, permitiram evidenciar os impactos sociais significativos que a representação metafórica de gênero possui em relação à construção da identidade feminina ou em relação à externalização de uma identidade construída. As metáforas encontradas nos discursos masculinos presentes nos episódios selecionados de *podcasts* reforçam as percepções estereotipadas e sexistas em relação à mulher. Acreditamos que a frequência de várias das metáforas encontradas mostra que essa visão masculina sobre a mulher pode impactar negativamente nas percepções da mulher na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO MISTÉRIO. **Ele estup*** a própria IRMÃ de 16 anos** | Amber Gibson. YouTube, 08 mar 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aKBx-tlFaHw>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Volume 1, tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Volume 2, tradução Sérgio Milliet. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRAINCAST. BBB: **Likes valem mais do que dinheiro?** YouTube, 08 mar 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VBSfeNUwSBN_5&index=16>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CANAL ARQUIVO MISTÉRIO. **Arquivo Mistério**. YouTube, <https://www.youtube.com/@arquivomisterio/videos>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CANAL BRAINCAST. **BrainCast**. YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=TDi0rCEIrdk&list=PLTQfxLkE9O6wjfZT0xG9VBSfeNUwSBN_5&index=17>. Acesso em: 13 jun. 2024.

CANAL JESUSCOPY. **JesusCopy**. YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=SzsL15gEshk&t=4s>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

JESUSCOPY. **Carlinhos Senegal e Douglas Gonçalves no Podcast JesusCopy.** YouTube, 11 mar 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SzsL15gEshk&t=2058s>. Acesso em: 13 jun. 2024.

JESUSCOPY. 2024. Disponível em: <https://www.jesuscopy.com/agenda/preletores.html#:~:text=Thiago%20Marques,%C3%A9%20parte%20da%20equipe%20Jesuscopy>. Acesso em: 13 jun. 2024.

JOVEM NERD. 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/institucional/anuncie>. Acesso em: 13 jun. 2024.

JOVEM NERD. **Wanessa Camargo expulsa do BBB e a futura ex-esposa de Buda**. 07 mar 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/mau-falado/wanessa-camargo-expulsa-do-bbb-e-a-futura-ex-esposa-de-buda >. Acesso em: 13 jun. 2024.

JOVEM NERD. **É a Duna realidade**. 08 mar 2024. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/podcasts/nerdcast/e-a-duna-realidade>. Acesso em: 13 jun. 2024.

KOVECSES, Zoltan. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, Berlin. 2017.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. **The contemporary theory of metaphor**. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LOPES, Márcia dos Santos. **Metáforas sobre a mulher: Uma visão linguística e conceptual**. 2005. Tese (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Augusto Soares da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades,** Braga, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323118419_O_poder_cognitivo_da_metafora_e_da_metonimia. Acesso em: 24 mar. 2024.

WANZELER, S. C. S.. A pandemia da violência de gênero: novo contexto, velhas causas. In: V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família, 2021, Porto Alegre - RS. **Anais do V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família.** Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2021. v. 1. p. 1-11.